

Estratégias de intervenção para adolescentes em situações de *bullying* escolar: uma revisão sistemática

Intervention strategies for adolescents in school bullying situations: a systematic review

Francisca Valda Gonçalves, Nicolas de Oliveira Cardoso, Irani Iracema de Lima Argimon

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Avenida Ipiranga, 6681, Partenon, 9061990. Porto Alegre, RS, Brasil. vandavalda@gmail.com

Resumo: O *bullying* entre adolescentes constitui-se em um grave problema social e de saúde pública, fazendo-se necessária a utilização de estratégias de intervenção que ajudem na prevenção do *bullying* no ambiente escolar. Sendo assim, esta revisão sistemática objetivou investigar os tipos de intervenções existentes, as quais podem ser utilizadas com adolescentes em situação de *bullying* escolar. As buscas por artigos científicos foram realizadas em maio de 2018, através da utilização da string “Bullying” AND “Intervention” AND “School” AND “Adolescents”, em três bases de dados virtuais: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), US National Library of Medicine and National Institutes of Health (PubMed) e American Psychological Association Database (PsycNET). Foram localizados inicialmente 1.784 artigos, restando 19 estudos após aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão. Observou-se que as estratégias de intervenção para o *bullying* podem ser divididas em três categorias: 1) estratégias de intervenção mediadas por professores e equipe escolar, 2) estratégias de intervenção mediadas por profissionais de fora da escola, 3) estratégias de intervenção mediadas por alunos. Concluiu-se que as duas primeiras categorias apresentam estratégias de intervenção com boas evidências de eficácia para redução dos comportamentos relacionados ao *bullying* escolar. Foram localizados apenas três estudos que sugeriram o uso de intervenções mediadas pelos próprios estudantes, as quais não apresentaram altos índices de eficácia.

Palavras-chave: *Bullying*; intervenção; adolescentes.

Abstract: Bullying among adolescents is a serious social and public health problem that requires intervention strategies to help preventing it. This systematic review aimed to investigate the types of interventions that can be used with adolescents in situation of school bullying. Searches for papers were made in may 2018, with the string “Bullying” AND “Intervention” AND “School” AND “Adolescents”, in three electronic databases: Virtual Health Library (VHL), US National Library of Medicine and National Institutes of Health (PubMed) e American Psychological Association Database (PsycNET). A total of 1784 articles were found, but 19 studies remained after applying the inclusion and exclusion criteria. It was observed that intervention strategies for bullying can be divided in three types: 1) intervention strategies mediated by teachers and school staff, 2) intervention strategies mediated by outsider professionals, 3) intervention strategies mediated by students. We found that the first two types of intervention show strategies with good evidence of efficacy in reduction of behaviors related to school bullying. Only three

studies suggested interventions mediated by the students, but they did not present high levels of efficacy.

Keywords: Bullying; intervention; adolescents.

Introdução

O *bullying* é um fenômeno comum, especialmente entre os estudantes (Bauer *et al.*, 2007; Rezapour *et al.*, 2014). Costuma ocorrer entre colegas de forma deliberada, com agressões físicas, verbais e psicológicas. É um tipo de violência que persiste ao longo do tempo, ocorrendo em decorrência do desequilíbrio de poder em favor dos agressores (Olweus, 2013; Rezapour *et al.*, 2014; Wang *et al.*, 2009).

As vítimas de *bullying* frequentemente sofrem uma série de efeitos negativos, incluindo depressão, ansiedade, solidão, e relações sociais de baixa qualidade (Wolke e Lereya, 2015; Kim e Yun, 2016; Zhu e Chan, 2015). Contudo, as vítimas do *bullying* não são as únicas a apresentarem prejuízos psicológicos, existem autores que sugerem que as agressões realizadas podem ocorrer em decorrência de sintomas depressivos (Wendt *et al.*, 2010). Além disso, existem ainda as chamadas vítimas-agressoras, as quais sofreram *bullying* e passam a praticá-lo contra outros indivíduos, gerando um ciclo de violência que se retroalimenta (Salmivalli e Voeten, 2004).

Os picos de maior vulnerabilidade ao *bullying* se localizam nos períodos de transição entre níveis de ensino, o que no Brasil corresponde às mudanças de ciclo, do 5º ao 6º ano do Ensino Fundamental e do 9º do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio (Fisher, 2010; Olweus, 2013). Acredita-se que esses picos de vulnerabilidade ocorram devido à transição de etapas do ciclo vital, principalmente da segunda infância para a adolescência. Destaca-se que o período entre os 11 e 19 anos é delimitado como limite cronológico da adolescência. Durante esse período ocorre uma transição no desenvolvimento, a qual envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Essas mudanças assumem formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos (Papalia e Feldman, 2013).

Contudo, independentemente do contexto, estudos indicam que meninos e meninas se envolvem em situação de *bullying* na escola. A violência escolar na forma física é mais frequente em meninos e a forma verbal, em meninas, sendo observado que os meninos são as principais vítimas (Santos *et al.*, 2014). Essas formas de violência causam prejuízos ao desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança e do adolescente, bloqueando suas potencialidades (Dornelles *et al.*, 2012).

Dadas essas descobertas e o fato de que os esforços antibullying têm um sucesso considerado limitado (Merrell *et al.*, 2008; Ttofi e Farrington, 2011), observa-se que o *bullying* no ambiente escolar entre adolescentes constitui-se em um grave problema social (Abramovay, 2003, 2012) e de saúde pública (Oliveira *et al.*, 2014; Rezapour *et al.*, 2014; Serra-Negra *et al.*, 2015). Considerando a gravidade dos impactos que esse fenômeno pode causar no ambiente escolar, faz-se necessária a investigação de estratégias de enfrentamento e intervenção que ajudem na prevenção do *bullying* a partir do fortalecimento individual e coletivo dos adolescentes no contexto em que estão inseridos (Caballo *et al.*, 2011).

Essa necessidade foi reforçada no Brasil em 14 de maio de 2018, data na qual foi sancionada a Lei nº 13.663, que altera a Lei nº 9.394 de 1996. A atualização da lei inclui a responsabilidade das escolas na promoção de medidas de combate ao *bullying*, além de incluir a obrigatoriedade de implementação de ações para a promoção da cultura da paz em seu artigo 12 (Planalto, 2018).

Sendo assim, este estudo tem por objetivo investigar os tipos de intervenções existentes as quais podem ser utilizadas com adolescentes em situação de *bullying* escolar, com a finalidade de apresentar intervenções eficazes, bem como para que seja possível pensar no aprimoramento e adaptação das intervenções já existentes.

Método

O presente estudo seguiu as recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and MetaAnalyses* (PRISMA), que visam orientar a elaboração de

revisões sistemáticas e meta-análises (Moher *et al.*, 2009). O primeiro passo foi formular a questão da pesquisa que consistiu em investigar “quais intervenções são utilizadas em adolescentes em situações de *bullying* escolar?”.

No processo de construção da *string*, foram realizados diversos testes com diferentes descritores, a fim de encontrar uma que contemplasse o maior número de estudos sobre o assunto. Depois, realizaram-se os testes com a *string* construída com a ajuda das ferramentas *TheSaurus* da Base PsycNET, do índice *Medical Subject Headings* (MeSH) da base PubMed/Medline e dos Descritores em Ciências da Saúde (Decs/MeSH) na base BVS. Concluiu-se que a *string* que mais retornou estudos foi: “*Bullying*” AND “*Intervention*” AND “*School*” AND “*Adolescents*”. A qual foi utilizada nas três bases de dados mencionadas.

As buscas por artigos foram realizadas em maio de 2018 por dois juízes independentes, nas bases de dados indexadas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *US National Library of Medicine and National Institutes of Health* (PubMed) e *American Psychological Association Database* (PsycNET). Os critérios de inclusão utilizados foram os seguintes: 1) artigos empíricos; 2) utilização das quatro variáveis: *bullying*, intervenção, escola e adolescentes; e 3) estudos com medidas pré-teste e pós-teste. Os critérios de exclusão utilizados foram: 1) artigos repetidos; e 2) trabalhos que não tenham passado por uma revisão por pares, como teses, dissertações e livros.

Esses critérios foram aplicados inicialmente através da leitura do título e do resumo dos artigos. Sendo excluídos os estudos que não apresentavam no título ou resumo pelo menos uma das palavras-chaves, bem como os artigos repetidos. Os pesquisadores analisaram, de forma independente, os artigos relevantes e emitiram parecer sobre a inclusão ou não desses na revisão. Nos casos em que houve divergências de parecer, foi contatado um terceiro juiz. Durante a etapa de leitura do texto completo, foram eliminados estudos que não se aproximavam do tema desta revisão, não restando divergências entre os juízes após esta etapa.

Resultados

Foram encontrados 317 artigos na BVS, 961 na PubMed e 506 artigos na PsycNET. Na sequência, apresenta-se um fluxograma (Figura 1) com os passos realizados para seleção dos artigos. Ao término da seleção, foram incluídos 19 artigos científicos.

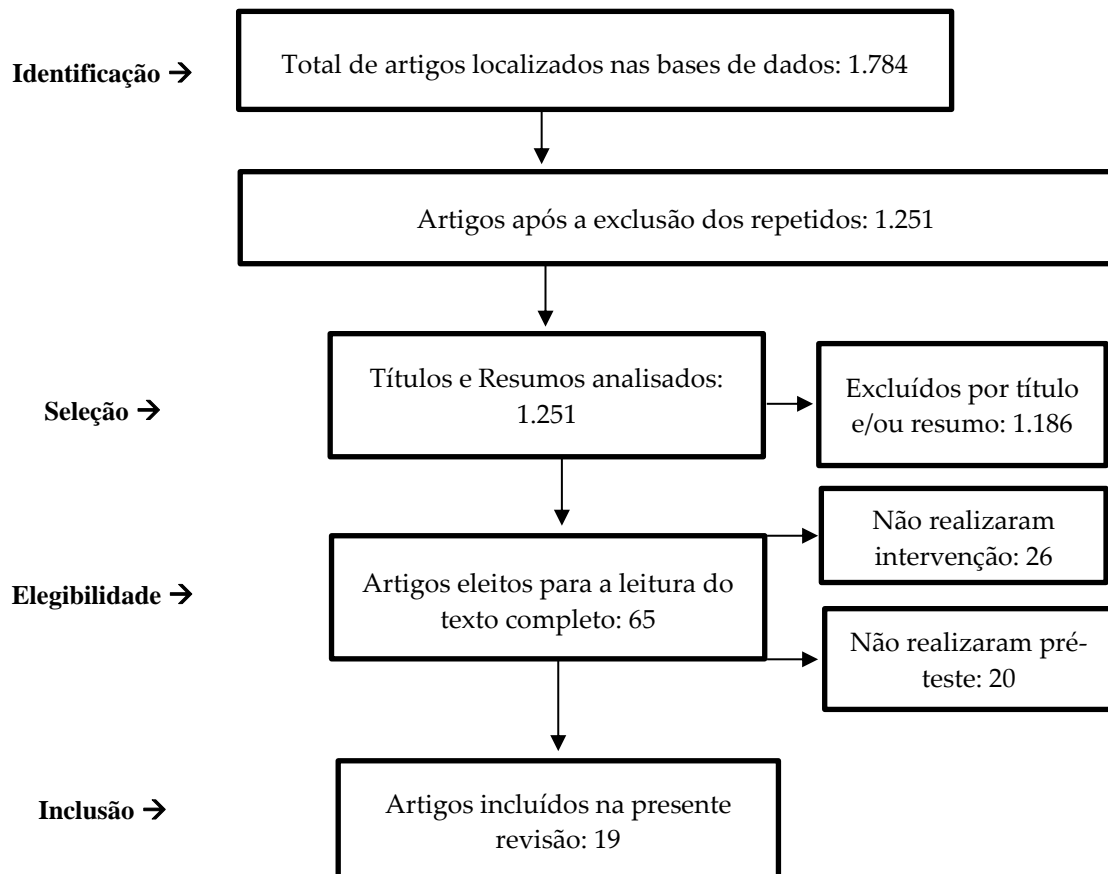


Figura 1. Processo de seleção dos estudos (diagrama de fluxo).

Figure 1. Process for selecting studies (flow diagram).

Tabela 1. Características dos estudos analisados**Table 1.** Characteristics of the analyzed studies

Autores (ano)	Método (idade)	Principais resultados
Boulton, e Boulton (2017)	Experimental. 41 estudantes ingleses (14-15 anos)	O Cross-age Teaching of Social Intervention (CATS) levou a uma melhoria significativa em todas as três variáveis dependentes (autoculpa, autoestima, divulgação da vitimização)
Matischek-Jauk, <i>et al.</i> (2017)	Quasi-experimental. 363 estudantes austríacos (9-15 anos)	Observou-se diminuição dos escores de <i>bullying</i> . Quanto maior foi a implementação da intervenção, menores foram os escores de <i>bullying</i>
Naidoo <i>et al.</i> (2016)	Experimental. 434 estudantes sul-africanos (16-17 anos)	Após Intervenção, houve redução de <i>bullying</i> verbal
Palladino <i>et al.</i> (2016)	Quasi-experimental. 622 (1º ensaio), 461 (2º ensaio) estudantes italianos (14-18 anos)	Observou-se redução em todas as variáveis globais (vitimização, <i>bullying</i> , cibervitimização e <i>cyberbullying</i>). Os efeitos se mantiveram por 6 meses e foram semelhantes em ambos os sexos.
Chaux <i>et al.</i> (2016)	Experimental. 722 estudantes alemães (11-17 anos)	O estudo mostrou que a participação no Media Heroes (MH) reduziu o <i>cyberbullying</i> e o <i>bullying</i> com efeitos maiores na versão longa da intervenção
Timmons-Mitchell, <i>et al.</i> (2016)	Experimental. 88 estudantes americanos (não informado)	Após aplicação do StandUp Program (SUP), os participantes demonstraram um aumento no uso de habilidades de relacionamento saudáveis, reduzindo as probabilidades de perpetrar e sofrer o <i>bullying</i> emocional e físico e de permanecerem passivos, enquanto outros são intimidados
Shaw <i>et al.</i> (2015)	Experimental. 3.382 estudantes australianos (13-14 anos)	Poucas evidências de mudança de resposta foram encontradas em relatos de vitimização e perpetração de <i>bullying</i> após a intervenção
Wölfer e Scheithauer (2014)	Experimental. 328 estudantes alemães (13-14 anos)	Os achados revelaram que houve redução da influência social dos agressores, demonstrando a eficácia do programa fairplayer.manual na redução do <i>bullying</i> entre estudantes do ensino médio
Low <i>et al.</i> (2014)	Experimental. 1.424 estudantes americanos (7-11 anos)	Estudantes com níveis mais altos de engajamento no Bullying Prevention Program (STR) relataram níveis mais altos no pós-teste em uma série de resultados: atitudes dos estudantes em relação à intervenção do <i>bullying</i> , apoio estudantil e clima estudantil, bem como níveis mais baixos de vitimização por <i>bullying</i>
Busch <i>et al.</i> (2013)	Quasi-experimental. 336 estudantes holandeses (15-16 anos)	Redução da vitimização de <i>bullying</i> foi relatada apenas por meninas
Sánchez (2013)	Pesquisa-Ação. 18 estudantes mexicanos (17-19 anos)	O Programa conseguiu eliminar as causas imediatas do <i>bullying</i> em sala de aula, alcançando, na fase dois, o estabelecimento de novas relações, desaparecimento do preconceito, e

		negociação dos conflitos pessoais
Ayers <i>et al.</i> (2012)	Experimental. 1.221 estudantes americanos (não informado)	Das sete intervenções testadas, apenas a Conferência dos Pais-Mestres e perda de privilégios foram significativos na redução da taxa de recidiva de <i>bullying</i> e comportamentos agressivos
Williford <i>et al.</i> (2012)	Experimental. 7.741 estudantes finlandeses (11 anos)	Os resultados sugerem que o Kiva reduziu a vitimização e pode ser uma estratégia para interromper o desenvolvimento do <i>bullying</i>
Bowllan (2011)	Quasi-experimental. 270 estudantes americanos (não informado)	No sexo feminino houve impacto positivo do Olweus Bullying Prevention Program (OBPP) na 7ª série, diminuindo os relatos de exclusão e de intimidação. No sexo masculino da 7ª série, houve aumento nos relatos de <i>bullying</i> ao professor. No sexo feminino da 8ª série, houve aumento nos relatos de sofrer <i>bullying</i> , aumento nos relatos de ser fisicamente intimidado, diminuição nos relatos de ser verbalmente intimidado e aumento nos relatos de observação de <i>bullying</i> em outras pessoas. Também houve melhora na capacidade de identificação do <i>bullying</i> pelos professores
Perkins <i>et al.</i> (2011)	Quasi-experimental. 3.024 Estudantes americanos (11 - 14 anos)	Evidenciaram-se reduções globais nas percepções de atitudes de <i>bullying</i> , na probabilidade de intimidação e na vitimização. O apoio para relatar <i>bullying</i> a adultos na escola e na própria família aumentou
Bauer <i>et al.</i> (2007)	Experimental. 6.518 estudantes americanos (não informado)	Não houve efeito global sobre vitimização relatada pelos alunos após utilização do OBPP. Contudo, quando estratificados por etnia/raça, os relatos de vitimização relacionais e físicas diminuíram 28% entre estudantes brancos. 21% dos alunos demonstraram maior propensão a perceber quando colegas interviam em defesa das vítimas de <i>bullying</i> . Com relação às atitudes, os alunos do 6º ano apresentaram 21% mais probabilidade de quererem ajudar
Stevens <i>et al.</i> (2000a)	Experimental. 1.104 estudantes belgas (10-16 anos)	O programa de intervenção anti- <i>bullying</i> na escola (baseado no OBPP) em relação a extensão do <i>bullying</i> e vitimização, demonstrou um padrão misto de mudanças positivas nos quesitos intimidação e interações positivas no ensino fundamental e sem mudança significativa no ensino médio.
Stevens <i>et al.</i> (2000b)	Experimental. 2.193 estudantes belgas (10-16 anos)	O programa de intervenção anti- <i>bullying</i> na escola (baseado no OBPP) reduziu as atitudes de <i>bullying</i> e aumentou a resolução de conflitos em alunos do ensino médio, no pós-teste 1. No entanto, os efeitos desapareceram no pós-teste 2
Olweus (1994)	Experimental. 2.500 estudantes noruegueses (não informado)	Houve redução acentuada em ambos os sexos nos níveis de problemas de agressores e de vítimas, no número de alunos sendo intimidados na aula, no comportamento antissocial, como vandalismo, brigas, furtos, e nas faltas durante um período entre 8 e 20 meses de intervenção. Também houve aumento na satisfação dos alunos com a escola

É possível observar, com base na tabela 1, que todos os estudos encontrados foram realizados fora da América Latina. Embora não tenha sido delimitado um ano para inclusão dos artigos, nota-se que a maior parte dos estudos (n = 16) foram publicados publicada nos últimos dez anos. Da mesma forma, o principal idioma das publicações foi o inglês (n = 18).

Destaca-se que todos os artigos incluídos nesta revisão utilizaram o método experimental ou quasi-experimental. Quando somados, o número total de participantes dos 19 estudos selecionados é expressivo (n = 32126), sendo possível a generalização dos efeitos de algumas intervenções (para uma mesma cultura/nacionalidade).

Tabela 2 – Características das intervenções

Table 2 – Interventions Characteristics

N	Intervenção	Duração treinamento	Sessões (duração)	Temática intervenções	Mediação
1	CATS	2 meses	8 (1h)	<i>Bullying</i>	Estudantes
2	LSPLQ	2 anos	68 (NE)	Clima em sala de aula, <i>bullying</i> e saúde psicossocial	Professores
3	SBEI	1 ano	20 (NE)	Violência e <i>bullying</i>	Professores e Facilitadores treinados de fora da escola
4	NTP	2 anos	NE	Sentimentos, emoções, empatia e como enfrentar situações de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i>	Estudantes
5	MH	1 dia 6 meses	4 (1,5h) 15 (45m)	<i>Bullying</i> e <i>cyberbullying</i>	Professores
6	SUP	1 dia	3 (30m)	<i>Bullying</i> e habilidades de relacionamento saudáveis	Psicólogos
7	CFSP	2 anos	16 (NE)	<i>Bullying</i> , <i>cyberbullying</i> , estratégias para resolução de problemas, habilidade social, empatia, regras sociais e questões legais	Estudantes
8	FMBPP	4 meses	15 (1,5h)	Estratégias comportamentais contra o <i>bullying</i>	Psicólogos
9	STR	1 ano	11 (1h)	<i>Bullying</i>	Professores e Equipe Escolar
10	UHSI	3 anos	NE	Políticas de saúde escolar e habilidades sociais	Professores e Equipe Escolar
11	IE	4 meses	NE	Violência, <i>bullying</i> e habilidades sociais	Psicólogo
12	SBBI	3 anos	NSA	Intervenções disciplinares para casos de <i>bullying</i>	Equipe escolar
13	KABP	1 ano	20 (1h)	<i>Bullying</i>	Professores

					e Equipe Escolar
14	OBPP	1 ano	NE	<i>Bullying</i>	Professores e Equipe Escolar
15	SNI	1 ano e meio	NSA	Transmissão de normas positivas e mensagens de normas sociais através de cartazes e e-mail (e.g. você sabia que 96% dos estudantes tentam ser amigáveis com seus colegas?)	Professor Pesquisador de fora da escola
16	OBPP	1 ano	NE	<i>Bullying</i>	Professores e Equipe Escolar
17	FSBABIP (A)	1 ano	4 (1,5h)	<i>Bullying</i> , normas escolares, estratégias para resolução de problemas, habilidades sociais	Professores e Equipe Escolar
18	FSBABIP (B)	1 ano e meio	4 (1,5h)	<i>Bullying</i> , normas escolares, estratégias para resolução de problemas, habilidades sociais	Professores e Equipe Escolar
19	OBPP	2 anos	NE	<i>Bullying</i> , normas escolares, estratégias para resolução de problemas, habilidades sociais	Professores e Equipe Escolar

Nota: NE – Não exibido; NSA – Não se aplica; LSPLQ - Life-skills Program Lions Quest; SBEI - School-based Educational Intervention; NTP - No Trap Program; CFSP - Cyber Friendly Schools Project; FMBPP – Fairplayer Manual Bullying Prevention Program; UHSI - Utrecht Healthy School Intervention; IE - Intervención Educativa; SBBI – School Based Bullying Intervention; KABP; Kiva Anti-bullying Program; SNI - Social Norms Intervention; FSBABIP - Flemish School-based Anti-bullying Intervention Program.

Intervenções contra o bullying

Para melhor organização e entendimento, as intervenções identificadas nos estudos selecionados foram agrupadas em três categorias: 1) estratégias de intervenção utilizadas por professores e equipe escolar; 2) estratégias de intervenção com profissionais de fora da escola; e 3) estratégias de intervenção mediadas por alunos.

Assim, a primeira categoria agrupa as intervenções nas quais professores e equipes escolares participam ativamente do processo, recebendo treinamento prévio de profissionais da área de saúde para auxiliarem na psicoeducação dos alunos. A segunda categoria agrupa as intervenções em que profissionais de fora da escola (e.g. psicólogos, professores, pesquisadores) são agentes ativos na condução das intervenções. A terceira categoria destaca a participação ativa de alunos (e.g. como tutores, educadores de pares, líderes cibernéticos) que receberam treinamento, quando necessário, para mediar intervenções com seus colegas.

1. Estratégias de intervenção mediadas por professores e equipe escolar

Mais da metade dos estudos (n = 11) utilizou intervenções mediadas por professores e equipe escolar. Matischek-Jauk *et al.* (2017), a partir do programa *Lions Quest*, mediante treinamento prévio dos professores, propuseram atividades sobre comunicação, assertividade, resolução de problemas e habilidades sociais para a redução dos comportamentos problemáticos e melhoria do clima escolar, desenvolvendo as competências da aprendizagem socioemocional sistemática (SEL - Social-Emotional Learning). A intervenção foi eficaz para reduzir o *bullying* e promover o clima de classe, mas não para a saúde psicossocial. Além disso, quanto maior foi o interesse dos alunos, maiores foram os efeitos positivos encontrados.

O mesmo ocorreu com a versão longa do programa *Media Heroes*, a qual apresentou melhores resultados do que na versão curta de 1 dia. Esse programa foi utilizado como intervenção obrigatória, durante as aulas de ética, sobre *bullying*, *cyberbullying* e promoção da empatia, fornecendo conhecimento sobre definições, riscos, segurança na Internet e consequências legais de comportamentos *online*, promovendo formas assertivas para que os espectadores pudessem intervir. As atividades foram mediadas por professores que receberam 16 horas de treinamento, incluindo debates, análises de histórias escritas, notícias, filmes, e aprendizado cooperativo (Chaux *et al.*, 2016).

O *Media Heroes* foi eficaz na redução dos comportamentos relacionados ao *bullying* e ao *cyberbullying*, mas não na vitimização por *bullying* ou *cyberbullying* (Chaux *et al.*, 2016). Esses resultados, apesar de parciais, se alinham com evidências encontradas no Cyberprogram 2.0 (Garaigordobil e Martínez-Valderrey, 2015) e no KiVa, um programa projetado para prevenir o *bullying* tradicional que também pode prevenir o *cyberbullying* (Williford *et al.*, 2012).

Uma das explicações para a ausência de efeitos significativos na vitimização pode estar relacionada a sua extensão, uma vez que os efeitos das agressões podem se manter

por um longo período de tempo após sua ocorrência. Além disso, as intervenções podem contribuir para o aumento do número de relatos sobre estar sendo vítima de *bullying*, ao invés de esconder a agressão (Chaux *et al.*, 2016).

Ainda no contexto de atividades em sala de aula, Low *et al.* (2014) propuseram um modelo de intervenção, o STR, com base no currículo escolar. Esse programa é composto por atividades que enfocam as habilidades socioemocionais, gerenciamento de emoções e reconhecimento de relatos de comportamentos de *bullying*. Os tópicos das lições abrangeram formação de grupos, distinção entre relatos de *bullying* falsos e verdadeiros, e como ser um espectador responsável. As estratégias incluíram instrução direta, ampla, e discussões em pequenos grupos, prática de habilidades e jogos, às quais foram seguidas de leituras sobre *bullying*. Todas as estratégias interventivas foram mediadas pelos professores, da mesma forma que os programas anteriores, o STR demonstrou eficácia após um ano de implementação, apresentando bons níveis de adesão dos alunos, redução da vitimização e auxílio dos estudantes na prevenção do *bullying* na escola.

Já o UHSL, proposto por Busch *et al.* (2013), visou a promoção da saúde na escola, focando na construção de comportamentos de saúde do adolescente através de um trabalho com a equipe escolar (professores, orientadores, direção). Os tópicos abordados foram: nutrição, exercício físico, saúde sexual, redução no uso de álcool e drogas e de comportamentos de *bullying*. A intervenção demonstrou eficácia, após três anos de implementação, na redução da vitimização por parte das meninas que sofriam *bullying*, as quais passaram a relatar os acontecimentos de forma a enfrentar seus agressores.

Outro modelo de intervenção, proposto por Ayers *et al.* (2012), é a SBBI que utiliza estratégias disciplinares comuns nas escolas (e.g. suspensão, detenção, retirar o aluno da sala de aula, chamar os pais) visando impedir a repetição de comportamentos de *bullying*. As estratégias consideradas eficazes para redução da reincidência do *bullying* foram: perda de privilégios e reuniões com os pais e professores. Cabe ressaltar que

embora os resultados tenham sido avaliados após três anos, infere-se que este efeito possa ser observado em curto prazo.

Além das reuniões com os pais, um estudo realizado por Williford *et al.* (2012) observou que o KABP reduziu a vitimização dos alunos. Isso ocorreu principalmente através de atividades grupais realizadas entre os alunos, como estratégias de discussão sobre o tema *bullying* dentro da sala de aula, realização de trabalhos em grupo, exercícios de *role-playing* e jogo de computador. Em casos de identificação de comportamentos de *bullying*, a intervenção foi focada na construção de grupos de discussão, mediados pelos professores, com vítimas e agressores. Essa estratégia foi eficaz na redução da vitimização, contudo, os resultados foram observados após 20 sessões de uma hora aplicadas ao longo de todo o ano letivo.

Ainda na perspectiva de trabalho em grupo e em pontos específicos onde o *bullying* está presente, Bauer *et al.* (2007); Bowllan (2011) e Olweus (1994) utilizaram o OBPP, com capacitação de professores e equipe escolar para posterior implementação na escola. O OBPP trabalha com debates em sala de aula sobre a temática do *bullying* e supervisão de ambientes escolares (e.g. o pátio durante o recreio) onde a equipe escolar percebe maior foco de *bullying*. A intervenção também é composta por um sistema de reforço positivo que visa à promoção de comportamento pró-social. Além disso, alunos que praticam *bullying* frequentemente passam por medidas disciplinares similares às propostas por Ayers *et al.* (2012).

Para Bowllan (2011), a intervenção causou um impacto positivo em mulheres e professores do 7º ano. Já Bauer *et al.* (2007) encontraram efeitos positivos mistos, variando por gênero, etnia/raça e série, mas sem efeito geral. Olweus (1994) demonstrou que a intervenção foi eficaz na redução do *bullying* em ambos os sexos e melhoria do ambiente escolar. Cabe mencionar que os efeitos dessas intervenções foram observados após um (Bauer *et al.*, 2007; Bowllan, 2011) e dois anos (Olweus, 1994).

Outros estudos formularam intervenções baseadas nos princípios do OBPP (Stevens *et al.*, 2000a; Stevens *et al.*, 2000b), as quais foram desenvolvidas em três

módulos: o primeiro tratando da intervenção no ambiente escolar, o segundo, lidando com atividades baseadas no currículo para o grupo de pares a partir de métodos de ensino ativos como técnicas de modelagem e role-play. O terceiro, baseado na teoria da aprendizagem social, visando desenvolver um procedimento de reparação para os alunos agressores.

Em um dos estudos, as intervenções mostraram-se eficazes na redução do *bullying* e da vitimização somente no ensino fundamental (Stevens *et al.*, 2000a). No segundo estudo, os efeitos de redução dos comportamentos de *bullying* e aumento da capacidade de resolução de conflitos apareceram em alunos do ensino médio durante o primeiro pós-teste (12 meses), mas não se sustentaram até o segundo pós-teste (18 meses) (Stevens *et al.*, 2000b).

2. Estratégias de intervenção mediadas por profissionais de fora da escola

Seis dos estudos selecionados delinearão intervenções mediadas por profissionais de fora da escola. Em um desses estudos, psicólogos mediarão três sessões com interação *online* baseada em imagens e textos informativos sobre *bullying*, habilidades de relacionamento saudáveis e uso de álcool com *feedback* e orientação individualizada em cada etapa do programa (Timmons-Mitchell *et al.*, 2016).

A intervenção *SUP* promoveu aumento no uso de habilidades de relacionamento saudáveis, reduzindo as probabilidades de perpetuação e de sofrer *bullying* verbal e físico. Ademais, os espectadores se tornaram mais ativos frente ao testemunho de comportamentos intimidadores contra colegas. Para além de seus efeitos positivos, essa intervenção é valorizada devido à possibilidade de ser aplicada em um único dia (Timmons-Mitchell *et al.*, 2016).

O FMBPP também foi aplicado por psicólogos, os quais foram treinados durante dois dias antes da aplicação da intervenção. A estrutura do programa é composta por 15 sessões, que foram ministradas ao longo de quatro meses. As estratégias utilizadas

tinham por objetivo a exposição do problema, fornecer conhecimento sobre o *bullying* e treinar habilidades comportamentais a serem utilizadas no combate ao *bullying*. O FMBPP foi eficaz na redução da influência social dos agressores, ocasionando diretamente a redução dos comportamentos de *bullying* entre os estudantes do ensino médio (Wölfer e Scheithauer, 2014).

Dentro desta perspectiva, a IE também foi aplicada por psicólogos e teve duração de quatro meses, contudo, não há sugestão de um número de sessões. Além disso, a IE foi aplicada somente durante as aulas de filosofia, visando enfrentar o *bullying* escolar através da conscientização sobre o assunto e a respeito de si mesmo e de seus comportamentos, assim como a educação sobre valores éticos. A intervenção mostrou-se eficaz na redução do *bullying* em sala de aula, através do fortalecimento dos laços afetivos entre os alunos e negociação de conflitos pessoais (Sánchez, 2013).

Por outro lado, a intervenção SBEI, proposta por Naidoo *et al.* (2016), a qual aborda a violência baseada em gênero e o *bullying*, foi a mais longa desta categoria ocorrendo uma vez por semana ao longo de um ano. A SBEI, segundo os autores, foi mediada por facilitadores treinados de fora da escola, contudo, a profissão desses facilitadores não foi especificada. As estratégias utilizadas incluíram discussões em pequenos e grandes grupos, dramatizações, história em quadrinhos e desenhos criativos. A intervenção foi eficaz na redução de experiências de *bullying* verbal.

A SNI, proposta por Perkins *et al.* (2011), difere significativamente das demais intervenções propostas nesta revisão, tanto por ser aplicada por professores externos à escola como em sua forma de execução. A SNI utiliza a estratégia de transmissão de normas sociais positivas, através do posicionamento de pôsteres com cenas de interação positiva por toda a escola. As mensagens de normas sociais sobre a prevalência de comportamento e opinião positiva foram criadas para cada escola com base em um questionário sociodemográfico aplicado no pré-teste. A SNI foi eficaz na redução de comportamentos de *bullying* e na vitimização, também houve aumento dos relatos de *bullying* aos professores e a familiares.

3. Estratégias de intervenção mediadas por alunos

Apenas três dos estudos selecionados delinearam intervenções com a possibilidade de mediação pelos alunos. O primeiro deles utilizou o CATS, que consistiu no treinamento de alunos do ensino médio os quais formularam e aplicaram uma intervenção antibullying em alunos do 7º ano. O treinamento dos alunos mediadores tem duração de 3 horas e consistiu na apresentação de vídeos e uma palestra sobre as principais características necessárias para identificação do *bullying* na escola. Cabe mencionar que esse treinamento inicial foi conduzido por psicólogos (Boulton e Boulton, 2017).

Após essa etapa inicial, os alunos mediadores participaram de quatro encontros com duração de 60 minutos para preparação de uma apresentação de 40 minutos a ser exibida aos alunos do 7º ano. O CATS foi eficaz na redução da autculpa, melhora da autoestima e aumento da divulgação dos casos de *bullying* escolar (Boulton e Boulton, 2017).

Já a NTP, proposta por Palladino *et al.* (2016), ofereceu inicialmente um curso para os professores sobre comunicação tecnológica e redes sociais, riscos da comunicação *online*, *bullying* e *cyberbullying*. Após essa etapa inicial, alunos (mediadores) foram recrutados e recebem um dia de treinamento para atuar como moderadores de fórum e editores em um grupo do *Facebook*. A NTP foi utilizada por dois anos, reduzindo os níveis de vitimização, comportamentos de *bullying* e *cyberbullying*. Esses efeitos foram avaliados em um pós-teste, mantendo-se estáveis após 6 meses em ambos os sexos.

Por fim, a CFSP elaborada por Shaw *et al.* (2015), foi mediada por alunos (líderes cibernéticos) do 1º ano do ensino médio. Um treinamento de 6 horas foi fornecido, pelos médicos pesquisadores, a esses alunos. As estratégias da intervenção incluíram a revisão de políticas escolares relacionadas ao aumento da conscientização dos estudantes sobre

seus direitos e responsabilidades *online* (especialmente como um espectador), o uso de abordagens restaurativas para lidar com incidentes de *bullying* e o fornecimento de treinamento preventivo de *cyberbullying* aos pais.

O estudo apresentou poucas evidências de mudança de resposta em relação ao *bullying*. Os autores apontam como possível explicação para esse resultado o fato de que os adolescentes da amostra já tinham uma compreensão estabelecida sobre o conceito de *bullying* e suas diferentes formas (Shaw *et al.*, 2015).

Discussão

Foram localizados poucos estudos que utilizaram intervenções ao *bullying* e ao *cyberbullying* na sala de aula ou em outros espaços da escola. Observou-se que não existe consenso na literatura sobre qual a melhor intervenção a ser utilizada frente ao *bullying*, uma vez que as intervenções expostas neste estudo variaram entre os países. Contudo, um terço das pesquisas foi conduzida em escolas americanas (tabela 1). Esses achados são similares aos resultados de uma revisão sistemática a qual investigou sobre intervenções utilizadas no *cyberbullying* e observou que um terço dos estudos incluídos foi realizado na Espanha, sendo que os outros dois terços estavam distribuídos entre diversos países (Cardoso *et al.*, 2017).

O fato de a maioria das pesquisas terem sido realizadas em países isolados, sem a replicação de determinado modelo de intervenção em diferentes culturas e nacionalidades, pode ser considerado uma limitação deste campo de estudo. Em especial devido à existência de diferenças culturais e nos modelos pedagógicos das escolas (Cardoso *et al.*, 2017; Ttofi e Farrington, 2011). Ressalve-se que, dos 19 estudos, três implantaram o OBPP e mais dois utilizaram os princípios do OBPP com adaptações.

É importante destacar que, na implementação e avaliação do OBPP, Olweus (1994) encontrou resultados positivos em ambos os sexos, mas os outros quatro estudos Bolland (2011), Bauer *et al.* (2007), Stevens *et al.* (2000a) e Stevens *et al.* (2000b) encontraram efeitos mistos. Uma possível explicação para essa diferença nos resultados

pode estar relacionada à implantação das intervenções em diferentes culturas (Noruega, Estados Unidos e Bélgica).

Outro ponto relevante diz respeito ao fato de que a maioria das intervenções foi mediada por professores e/ou equipe escolar (tabela 2). Nesta perspectiva, Low *et al.* (2014) sugerem que a adesão pelo professor influencia a implementação de um programa de prevenção ou intervenção contra o *bullying* escolar. Essa visão está de acordo com os achados de Olweus (2004), o qual aponta que os professores que leem o material de um programa de intervenção tendem a reconhecer, valorizar e acreditar que é possível enfrentar o problema do *bullying*.

Além disso, a capacidade de ser empático com as vítimas auxilia na adesão aos programas interventivos, aumentando suas chances de êxito (Low *et al.*, 2014; Olweus, 2004). Contrariamente, treinamento e suporte insuficientes, turma com grande número de alunos, problemas com o gerenciamento de disciplina na sala de aula, aliada à apatia do professor, podem prejudicar o andamento das intervenções (Olweus, 2004).

Salienta-se a importância da duração das intervenções, visto que a maior parte dos estudos incluídos nesta revisão (n=14) avalia a eficácia dos programas interventivos somente depois de terem sido utilizados ao longo de pelo menos um ano. Contudo, existe a possibilidade desses programas reduzirem os comportamentos de *bullying* e/ou melhorarem as relações interpessoais escolares em muito menos tempo, sendo necessária a realização de mais estudos que apliquem essas intervenções em menores intervalos de tempo.

Independentemente do tempo decorrido, tanto as intervenções mediadas pelos professores e equipe escolar, como as mediadas por outros profissionais, apresentaram bons resultados após sua aplicação. Observa-se, ainda, que apenas três dos estudos propuseram a utilização de estratégias de intervenção mediadas pelos próprios alunos. Sendo que uma delas não apresentou boas evidências de eficácia (Shaw *et al.*, 2015). Existem poucos estudos na literatura que utilizam intervenções mediadas pelos alunos, sendo difícil afirmar se são de fato eficazes (Cardoso *et al.*, 2017).

Dentro do campo das intervenções mediadas pelos próprios alunos, pesquisadores holandeses desenvolveram um *software* com inteligência artificial que conversa com os alunos sobre suas experiências de *cyberbullying*. Essa intervenção não necessita de treinamento prévio e pode ser utilizada pelos alunos ou equipe escolar sempre que necessário (Zwaan *et al.*, 2012). Porém, da mesma forma que todas as intervenções de combate ao *bullying* identificadas neste estudo, esse *software*, assim como outras estratégias de combate ao *cyberbullying*, ainda não foram adaptadas para o contexto brasileiro (Cardoso *et al.*, 2017; Wendt e Lisboa, 2014).

A escassez de intervenções no cenário brasileiro foi evidenciada anteriormente em uma revisão integrativa, a qual demonstrou que os pesquisadores brasileiros estão mais focados na realização de estudos de levantamento de dados quantitativos sobre a prevalência e incidência do *bullying* nacional. Ainda sobre os resultados desta revisão integrativa, curiosamente, em consonância com os resultados aqui encontrados, observou-se que a maior parte dos estudos incluídos sugere a formulação de intervenções para o combate ao *bullying* no Brasil (Pigozi e Machado, 2015). Contudo, não fica clara a razão pela qual essas sugestões, aparentemente, até 2018, ainda não foram atendidas.

É importante ressaltar que os resultados expostos nesta revisão salientam a importância da participação de outros profissionais da escola ou de fora dela, além dos professores, na implementação das intervenções. No Brasil, é comum que algumas pesquisas e até mesmo o governo atribuam a responsabilidade do combate ao *bullying* aos professores e/ou a instituição escolar (Planalto, 2018; Tognetta e Daud, 2018). De fato, é necessário investir na formação dos professores, contudo, acrescenta-se que o apoio de outros profissionais vinculados a outros órgãos governamentais e/ou consultores autônomos faz-se necessário para fornecer auxílio as escolas. Sobretudo aos professores que comumente estão sobrecarregados e próximos a exaustão física e emocional (Carlotto, 2014).

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo investigar os tipos de intervenções utilizadas com adolescentes em situação de *bullying* escolar. Todas as intervenções encontradas foram desenvolvidas fora do Brasil. A maior parte delas foi utilizada em apenas um estudo, sendo necessária a realização de mais estudos que concretizem a eficácia dessas intervenções. Além disso, todas as intervenções poderiam ser adaptadas e utilizadas em outros países, e tal fato contribuiria para o estabelecimento de uma estratégia de intervenção “padrão ouro”, a qual seria comparada com outras estratégias existentes.

Em relação às limitações deste estudo, destaca-se a baixa variação de idade entre os participantes dos estudos incluídos, o que torna difícil a compreensão de até que ponto as intervenções serão eficazes em diferentes idades e/ou séries. Outra limitação está relacionada a não avaliação dos possíveis vieses de pesquisa dos estudos incluídos, assim como o fato de terem sido incluídos apenas estudos com medidas pré e pós-teste. Destaca-se, ainda, que alguns dos artigos não deixaram claro quais eram todos os profissionais envolvidos nas intervenções, nem se existe alguma formação necessária ou recomendada para aplicação das intervenções.

Sendo assim, ressaltamos que a idade e/ou série para qual uma intervenção será eficaz, devem ser aspectos levados em consideração em caso de adaptação e validação dessas intervenções para a realidade brasileira. Isso tendo em vista que uma intervenção que é eficaz para os alunos do 6º ano pode não ser para os do 9º ano. Além disso, sugere-se que, entre as intervenções expostas neste trabalho, aquelas mediadas por outros profissionais em parceria com a equipe escolar sejam o foco inicial de estudos posteriores e possíveis adaptações para o contexto brasileiro. Por fim, em linhas gerais, esta revisão constata a necessidade de se desenvolver ou adaptar estratégias de intervenção ao *bullying* para o contexto dos alunos brasileiros.

Referências

ABRAMOVAY, M. 2003. *Escola e Violência* (2ª ed.). Brasília: Unesco, UCB.

- ABRAMOVAY, M. 2012. Conversando sobre violência e convivência nas escolas. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?publication=conversando-sobre-violencia-e-convivencia-nas-escolas>>. Acesso em 12/07/2018.
- AYERS, S. L.; WAGAMAN, M. A.; GEIGER, J.M.; BERMUDEZ-PARSAI, M.; HEDBERG, E.C. 2012. Examining School-Based Bullying Interventions Using Multilevel Discrete Time Hazard Modeling. *Prevention Science: The Official Journal of the Society for Prevention Research*, **13**(5), 539–550. <http://doi.org/10.1007/s11121-012-0280-7>
- BAUER, N. S.; LOZANO, P.; RIVARA, F. P. 2007. The effectiveness of the Olweus Bullying Prevention Program in public middle schools: A controlled trial. *Journal of Adolescent Health*, **40**(3), 266-274. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2006.10.005>
- BOULTON, M. J.; BOULTON, L. 2017. Modifying Self-Blame, Self-Esteem, and Disclosure Through a Cooperative Cross-Age Teaching Intervention for Bullying Among Adolescents. *Violence and victims*, **32**(4), 609-626. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-15-00075>
- BOWLLAN, N. M. 2011. Implementation and Evaluation of a Comprehensive, School-wide Bullying Prevention Program in an Urban/Suburban Middle School. *Journal of School Health*, **81**(4), 167–173. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2010.00576.x>
- BUSCH, V.; DE LEEUW, R. J.; SCHRIJVERS, A. J. 2013. Results of a multibehavioral health-promoting school pilot intervention in a Dutch secondary school. *Journal of Adolescent Health*, **52**(4), 400-406. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.07.008>
- CABALLO, V. E.; CALDERERO, M.; CARRILLO, G. B.; SALAZAR, I. C.; IRURTIA, M. J. 2011. Acoso escolar y ansiedad social en niños (II): una propuesta de intervención en formato lúdico. *Psicología Conductual*, **19**(3), 611-626. Disponível em: <https://www.psicoesp.com/downloads/acoso_escolar_ansiedad_ninos.pdf>. Acesso em 12/07/2018.
- CARDOSO, N. O.; LANDENBERGER, T.; BASTOS, A.; BERNARDI, C. C. N.; ARGIMON, I. I. L. 2017. Estratégias de Enfrentamento e Intervenção no Cyberbullying – Uma Revisão Sistemática. *Perspectivas em Psicologia*, **14**(1), 7-17. Disponível em: <<http://www.seadpsi.com.ar/revistas/index.php/pep/article/view/308>>. Acesso em 12/07/2018.
- CARLOTTO, M. S. 2014. Prevenção da síndrome de burnout em professores: um relato de experiência. *Mudanças – Psicologia da saúde*, **22**(1), 31-39. <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v22n1p31-39>
- CHAUX, E.; VELÁSQUEZ, A. M.; SCHULTZE-KRUMBHOLZ, A.; SCHEITHAUER, H. 2016. Effects of the cyberbullying prevention program media heroes (*Medienhelden*) on traditional bullying. *Aggressive Behavior*, **42**(2) 157–165. <https://doi.org/10.1002/ab.21637>
- DORNELLES, V. G.; SAYAGO, C. W.; RIBEIRO, F. A. 2012. Bullying. In: V. Dornelles; C. Sayago (eds.), *Bullying: Avaliação e Intervenção em Terapia Cognitivo-comportamental*. Novo Hamburgo, Sinopsys, 25-36.

- FISHER, R. M. 2010. Bullying escolar no Brasil: relatório final. São Paulo: CEATS/FIA. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/100/127/documentos/biblioteca1.pdf>>. Acesso em 12/07/2018.
- GARAIGORDOBIL, M.; MARTINÉZ-VALDERREY, V. 2015. Effects of Cyberprogram 2.0 on “face-to-face” bullying, Cyberbullying, and empathy. *Psicothema*, **27**(1), 45-51. doi: 10.7334/psicothema2014.78
- KIM, S. G.; YUN, I. 2016. Bullying among South Korean adolescents: Prevalence and association with psychological adjustment. *Violence and Victims*, **31**(1), 167–184. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-13-00138>
- LOW, S.; VAN-RYZIN, M. J.; BROWN, E.C.; SMITH, B. H.; HAGGERTY, K.P. 2014. Engagement matters: lessons from assessing classroom implementation of steps to respect: a bullying prevention program over a one-year period. *Prevention science*, **15**(2), 165-176. <https://doi.org/10.1007/s11121-012-0359-1>
- MATISCHEK-JAUK, M.; KRAMMER, G.; REICHER, H. 2017. The life-skills program Lions Quest in Austrian schools: implementation and outcomes. *Health promotion international*, 1–11. <https://doi.org/10.1093/heapro/dax050>
- MERRELL, K. W.; GUELDNER, B. A.; ROSS, S.W.; ISAVA, D. M. 2008. How effective are school bullying intervention programs? A meta-analysis of intervention research. *School Psychology Quarterly*, **23**(1), 26–42. doi: 10.1037/1045-3830.23.1.26
- MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G. 2009. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Med* **6**(7): e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- NAIDOO, S.; SATORIUS, B. K.; VRIES, H.; TAYLOR, M. 2016. Verbal bullying changes among students following an educational intervention using the integrated model for behavior change. *Journal of school health*, **86**(11), 813-822. <https://doi.org/10.1111/josh.12439>
- OLIVEIRA, W. A.; SILVA, M. A. L.; MELLO, F. C. M.; PORTO, D. L.; YOSHINAGA, A. C. M.; MALTA, D. C. 2014. Causas do Bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, **23**(2), 1-8. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.0022.2552>
- OLWEUS, D. 1994. Annotation: Bullying at school: Basic facts and effects of a school based intervention program. *Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, **35**(7), 1171-1190. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x>
- OLWEUS, D. 2013. School Bullying: development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, **9**, 751-780. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>
- OLWEUS, D. 2004. The Olweus Bullying Prevention Programme: Design and implementation issues and a new national initiative in Norway. In: Smith, P.K.; Pepler, D.; Rigby, K. (Eds.), *Bullying in schools: How successful can interventions be?* (pp. 13-36). Cambridge: Cambridge University Press
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. 2013. *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Artmed.

- PALLADINO, B. E.; NOCENTINI, A.; MENESINI, E. 2016. Evidence-based intervention against bullying and cyberbullying: Evaluation of the NoTrap! program in two independent trials. *Aggressive Behavior*, **42**(2), 194–206. <https://doi.org/10.1002/ab.21636>
- PERKINS, H. W.; CRAIG, D. W.; PERKINS, J. M. 2011. Using social norms to reduce bullying: A research intervention among adolescents in five middle schools. *Group Processes & Intergroup Relations*, **14**(5), 703-722. <http://dx.doi.org/10.1177/1368430210398004>
- PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. 2015. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, **20**(11), 3509-3522. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.05292014>
- PLANALTO (2018). Lei 13.663/2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm>. Acesso em 16/10/2018.
- REZAPOUR, M.; SOORI, H.; KHODAKARIM, S. 2014. Epidemiological pattern of bullying among school children in Mazandaran Province, Iran. *Archives of Trauma Resistance*, **3**(4), e22551. <https://doi.org/10.5812/at.22551>
- SALMIVALLI, C.; VOETEN, M. 2004. Connections between attitudes, group norms, and behaviors associated with bullying in schools. *International Journal of Behavioral Development*, **28**(3), 246-258. <https://doi.org/10.1080/01650250344000488>
- SÁNCHEZ, R. Y. 2013. Intervención educativa para resolver un caso de acoso escolar. *Psicología Escolar e Educacional*, **17**(2), 339-354. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572013000200016>.
- SANTOS, J. A.; CABRAL-XAVIER, A. F.; PAIVA, S. M.; LEITE-CAVALCANTI, A. 2014. Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. *Revista de Salud Pública*, **16**(2), 173-183. <http://dx.doi.org/10.15446/rsap.v16n2.30302>
- SERRA-NEGRA, J. M.; PAIVA, S. M.; BENDO, C. B.; FULGENCIO, L. B.; LAGE, C. F.; CORREA-FARIA, P.; PORDEUS, I. A. 2015. Verbal school bullying and life satisfaction among Brazilian adolescents: profiles of the aggressor and the victim. *Comprehensive Psychiatry*, **57**, 132-139. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2014.11.004>
- SHAW, T.; CROSS, D.; ZUBRICK, S. R. 2015. Testing for response shift bias in evaluations of school antibullying programs. *Evaluation Review*, **39**(6), 527–554. <https://doi.org/10.1177/0193841X16629863>
- STEVENS, V.; DE BOURDEAUDHUIJ, I.; VAN OOST, P. 2000a. Bullying in Flemish schools: An evaluation of anti-bullying intervention in primary and secondary schools. *British Journal of Educational Psychology*, **70**(2), 195-210. <http://dx.doi.org/10.1348/000709900158056>
- STEVENS, V.; DE BOURDEAUDHUIJ, I.; VAN OOST, P. 2000b. The effects of an anti-bullying intervention programme on peers' attitudes and behaviour. *Journal of Adolescence*, **23**(1), 21-34. <https://doi.org/10.1006/jado.1999.0296>

- TIMMONS-MITCHELL, J.; LEVESQUE, D. A.; HARRIS, L. A.; FLANNERY, D. J.; FALCONE, T. 2016. Pilot test of StandUp, an online school-based bullying prevention program. *Children & Schools*, **38**(2), 71-79. <https://doi.org/10.1093/cs/cdw010>
- TTOFI, M.; FARRINGTON, D. 2011. Effectiveness of school-based programs to reduce bullying: A systematic and meta-analytic review. *Journal of Experimental Criminology*, **7**, 27-56. doi: 10.1007/s11292-010-9109-1
- WANG, J.; IANNOTTI, R. J.; NANSEL, T. R. 2009. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. *Journal of Adolescent Health*, **45**(4), 368-375. doi: 10.1016/j.jadohealth.2009.03.021
- WENDT, G. W.; CAMPOS, D. M. D.; LISBOA, C. S. M. 2010. Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. *Cadernos de Psicopedagogia*, **8**(14), 41-52. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cap/v8n14/a04.pdf>>. Acesso em 12/10/2018.
- WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. 2014. Compreendendo o fenômeno do Cyberbullying. *Temas em Psicologia*, **22**(1), 39-54. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.1-04>
- WILLIFORD, A.; BOULTON, A.; NOLAND, B.; LITTLE, T. D.; KÄRNÄ, A.; SALMIVALLI, C. 2012. Effects of the KiVa anti-bullying program on adolescents' depression, anxiety, and perception of peers. *Journal of Abnormal Child Psychology*, **40**(2), 289-300. <https://doi.org/10.1007/s10802-011-9551-1>
- WÖLFER, R.; SCHEITHAUER, H. 2014. Social influence and bullying behavior: intervention-based network dynamics of the fairplayer manual bullying prevention program. *Aggressive Behavior*, **40**(4) 309-319. <https://doi.org/10.1002/ab.21524>
- WOLKE, D.; LEREYA, S. T. 2015. Long-term effects of bullying. *Archives of Disease in Childhood*, **100**(9), 879-885. <http://dx.doi.org/10.1136/archdischild-2014-306667>
- ZHU, Y.; CHAN, K. L. 2015. Prevalence and correlates of school bullying victimization in Xi'an, China. *Violence and Victims*, **30**(4), 714-732. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-14-00006>
- ZWAAN, J. M. V. D.; GERAERTS, E.; DIGNUM, V.; JONKER, C. M. 2012. User validation of an empathic virtual buddy against Cyberbullying. *Studies in Health Technology and Informatics*, **181**, 243-247. doi: 10.3233/978-1-61499-121-2-243
- ARING, S.; RENK, K. 2010. Associations among young children's temperament, parents' perceptions of their young children, and characteristics of the parent-young child relationship. *Journal of Early Childhood & Infant Psychology*, **6**:59-83.

Submetido em: 13.07.18

Aceito em: 16.11.18